

# O ALTEAMENTO DA PRETÔNICA /O/ NO FALAR POPULAR DE FORTALEZA

Aluiza Alves de Araújo\*

## INTRODUÇÃO

No português do Brasil, as vogais médias pretônicas têm sido objeto de inúmeros estudos, seja numa perspectiva mais propriamente fonológica, seja nos prismas da Dialectologia e da Sociolinguística Variacionista.

O foco de atenção desta investigação recai sobre a realização variável da vogal média pretônica /o/ no falar popular dos fortalezenses. A análise da pré-acentuada restringe-se aos contextos interconsonânticos (C\_C), em sílaba inicial ou medial, já que esta estrutura silábica é a que ocorre com maior frequência e, além disso, os outros tipos de sílaba apresentam estruturas que condicionam a aplicação categórica de uma ou outra variante.

O fenômeno em questão é abordado sob a perspectiva da Teoria Sociolinguística Quantitativa, defendida por Labov (1972, 1994) e Weinreich, Labov e Herzog (1968), com o objetivo precípuo de descrever e analisar a atuação de fatores linguísticos e sociais sobre o alteamento de /o/ no falar fortalezense.

Defendeu-se que a altura da vogal tônica à vogal candidata era o principal condicionador do processo de variação das médias pré-acentuadas. Supôs-se também que outros fatores poderiam estar atuando, de forma positiva ou negativa, sobre o processo em estudo, tais como, a vogal átona, as consoantes circunvizinhas, a atonicidade, a suficiência, o tipo de sílaba, a contigüidade, a escolaridade, a faixa etária e o sexo.

## 1 METODOLOGIA

Neste trabalho, utilizou-se uma amostra constituída por 72 informantes, provenientes do *corpus* Norma do Português Oral Popular de Fortaleza (NORPORFOR).

Os informantes foram distribuídos de forma equilibrada em função das variáveis sociais controladas: faixa etária (1- 15 a 25 anos, 2- 26 a 49 anos e 3- 50 anos em diante); escolaridade (nenhum a 4 anos, 5 a 8 anos e 9 a 11 anos) e sexo (masculino e feminino).

Quanto ao perfil de cada um dos entrevistados, todos apresentam as seguintes características: são fortalezenses natos ou vieram morar na capital cearense com menos de 5 anos, são filhos de pais cearenses e nunca se ausentaram por mais de 2 anos consecutivos.

Decidiu-se trabalhar com as entrevistas do tipo DID (Diálogo entre Informante e Documentador) pelo fato do objeto de estudo ser um fenômeno fonético, o que exigiria registros claros, onde o inconveniente da sobreposição de vozes não ocorresse constantemente, e também porque, nesse contexto, o informante exerceria o mínimo controle consciente sobre o fenômeno.

O levantamento dos dados linguísticos foi realizado transcrevendo-se, foneticamente, os vocábulos contendo vogais pretônicas, que na escrita são representadas pela letra *o*. Nessa transcrição, feita de oitava, foram descartados os minutos iniciais, já que numa entrevista deste tipo os primeiros momentos sempre são tensos. De cada informante, transcreveram-se cerca de 20 minutos.

Para dar tratamento estatístico ao material coletado, usou-se o Pacote de programas VARBRUL.

## 2 ALTEAMENTO DE /O/

O *input* geral de aplicação do alteamento de /o/ foi de 0.02. Isso significa que, nesta amostra, a variante [u] é, dentre as posteriores, a que oferece menor probabilidade de ocorrência. Os fatores selecionados como favorecedores da elevação, por ordem de importância, foram: natureza da

\* Professor do Curso de Letras e do Programa de Pósgraduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará.

vogal tônica, atonicidade, consoante subsequente, consoante precedente, natureza da vogal átona contígua, idade, sufiação, escolaridade.

### a) Natureza da vogal tônica

Observando a tabela 1, constata-se que os índices percentuais e probabilísticos mais elevados pertencem, em ordem decrescente, às vogais contextuais: [i~], [e], [u~] e [u]. Estes resultados mostram que a vogal alta tônica, principalmente a não-recuada, oral ou nasal, é o contexto mais propício à realização da posterior alta, confirmando, assim, na amostra analisada, a hipótese da harmonização vocálica.

No português brasileiro, o fenômeno da harmonização vocálica tem sido discutido por diversos estudiosos, dentre eles, Bisol (1981), Vieira (1983), Silva (1989), Callou, Leite e Coutinho (1991), Schwindt (2002) entre outros. Por harmonia vocálica, entende-se aqui um processo em que a vogal pretônica média assimila o traço de altura da vogal subsequente, seja ela tônica ou não.

Tabela 1 – Atuação da natureza da vogal tônica sobre o alteamento de /o/

Fatores	Aplica/ Total	%	Probabili- dade	Exemplo
[i]	150/270	56	.92	Dorm[i]
[e~]	33/50	66	.96	Dorm[i~]do
[u]	9/43	21	.57	Cost[u]ra
[u~]	13/25	52	.79	Cost[u~]me
[e]	6/94	6	.28	Escollh[e]r
[o]	4/184	2	.23	Moderniz[o]
[é]	14/198	7	.27	Apodr[é]se
[ó]	1/47	2	.09	Gordur[ó]sa
[a]	65/804	8	.45	Soseg[a]da
[ã e- õ]	29/347	8	.41	Movim[e~]to
Ditongo	35/353	10	.51	Bot[ãw]

Como informa a ordem de seleção dos grupos de fatores determinada pelo VARBRUL, a natureza da vogal da sílaba tônica aparece em primeiro lugar, o que significa dizer que é a vogal tônica, e não a átona, o contexto preferencial do alteamento de /o/. Uma análise precipitada poderia apontar este resultado como uma confirmação da hipótese de Câmara Jr. (1997), segundo a qual é a vogal tônica, e não a átona, a responsável pela elevação. No entanto, os dados obtidos no grupo vogal átona seguinte, como será visto mais adiante, não permitem tal conclusão.

Apesar de a variável contiguidade não ter sido selecionada pelo programa, decidiu-se avaliar a influência deste grupo de fatores conjuntamente com a variável tipo de vogal tônica, com a expectativa de que a vogal alta acentuada vizinha à pretônica em foco exercesse maior influência sobre o alteamento de /o/ do que a tônica alta não-contígua.

Como as vogais com o traço [- alto] não favorecem a aplicação da variante alta, discutiremos apenas

os resultados relativos aos contextos de vogais altas, já que estes foram os únicos favorecedores da aplicação da regra. No ambiente de contiguidade à vogal candidata à elevação, as vogais anteriores acentuadas [i] e [i~] aumentam a frequência de aplicação da variante alçada [u], mas as tônicas posteriores [u] e [u~], principalmente a primeira, não exibem percentuais de aplicação tão expressivos quanto os encontrados para as anteriores. No contexto de tônica não contígua, os poucos casos de alteamento de /o/ só foram encontrados diante da vogal [i]. Como, praticamente, não foram registrados dados de alteamento de tônica não-contígua, não se pode afirmar com segurança que a contiguidade exerça um papel relevante no processo em estudo.

Os dados obtidos também evidenciam que a tônica não-homorgânica, isto é, a anterior alta, favorece mais a aplicação da regra do que a posterior alta. Por isso, é mais frequente ouvir, no falar dos fortalezenses, d[u]rmi, s[u]fri, c[u]rtina, ap[u]zentaduria que k[u]luna, c[u]rcunda, t[u]rtura.

Bisol (1981) já havia observado, no dialeto gaúcho, que a vogal subsequente /i/ exerce maior influência sobre o alçamento das médias do que a vogal /u/. Utilizando-se do diagrama de Jones (1950, apud Bisol, 1981, p. 114) sobre as vogais cardinais, a autora explica tal fato da seguinte forma: “o espaço na cavidade bucal para a emissão das vogais anteriores é maior do que o espaço destinado à emissão das vogais posteriores. Conseqüentemente a vogal alta posterior é menos alta que a anterior”. Por isso, é compreensível que a recuada não desempenhe força atrativa sobre /e/, porque transformá-la em /i/ significaria produzir uma articulação mais alta que a própria.

Em itens lexicais pertencentes ao mesmo paradigma, como mostram os exemplos: costume, costuma, acostuma, costumo, costura, costuro, parece que o alteamento tende a ser favorecido pela homorganicidade entre a vogal candidata à elevação e a vogal contextual alta.

A baixa frequência (10%) e o peso relativo (.51) muito próximo do ponto neutro rendem aos ditongos uma atuação pouco relevante na elevação da vogal /o/. Os contextos de vogais [- altas] inibem a aplicação da regra, conforme sugerem os índices muito abaixo de .50. Os casos em que o alçamento foi aplicado em ambientes desfavoráveis não se devem à regra de harmonização vocálica, como revelam os exemplos: m[u]lecagem, b[u]tão, g[u]verno, mas à interferência de uma consoante precedente labial ou velar. Assim, pode-se concluir que nem sempre o processo de harmonização vocálica pode explicar todos os casos de alteamento de /o/.

### b) Natureza da vogal átona contígua

Os valores expostos na tabela 2 mostram que o alteamento de /o/ também é favorecido por uma vogal alta átona imediatamente vizinha à pretônica em foco, eviden-

ciando mais uma vez a atuação do processo de harmonização vocálica.

Partindo da informação de que esta variável foi selecionada em quinto lugar pelo programa, pode-se dizer que a pretônica /o/ tem maior probabilidade de ser alteada diante de vogal alta tônica e, secundariamente, diante de vogal alta átona. Nina (1991) também nota que, no falar belenense, a vogal átona contígua aparece como o segundo contexto mais favorecedor do alteamento de /o/, só perdendo a primeira posição para a vogal tônica contígua.

Tabela 2 – Atuação da natureza da átona contígua sobre o alteamento de /o/

Fatores	Aplica/ Total	%	Probabili- dade	Exemplo
[i]	28/152	18	.80	Pos[i]tivo
[u]	8/78	10	.54	Cost[u]rando
[u~]	8/36	22	.71	Akost[u~]mei
[e]	5/72	7	.26	Sos[e]guei
[é]	3/46	7	.52	Mol[é]kagem
[a]	1/107	1	.11	Bol[a]chada
[ã ~e õ]	1/19	5	.52	Com[e~]tário

Apesar de a vogal alta tônica apresentar-se como o contexto mais favorável à elevação da posterior, a tonicidade não é necessariamente o condicionador principal da regra de harmonização vocálica, uma vez que o alteamento também é aplicado no contexto de vogal átona contígua, como demonstram os exemplos: ac[u]stumei, v[u]mitado, s[u]frimento, a[u]turizar, arr[u]deando. Então, é possível afirmar que o traço alto da vogal contextual é mais determinante na aplicação da regra do que a tonicidade, posto que o alteamento ocorre tanto em sílabas átonas quanto em sílabas tônicas. Isto parece comprovar o que já havia sido observado por Bisol (1981) no dialeto gaúcho.

A vogal anterior alta exerce maior influência sobre o alteamento do que a posterior alta, oral ou nasal, ratificando o que já tinha sido notado para a variável tipo de vogal tônica. Esse fenômeno também pode ser explicado por meio do diagrama das vogais cardeais.

Com relação à homorganicidade, a vogal não-homorgânica [i] é a que mais promove o alçamento de /o/, como já havia sido verificado para a variável tipo de vogal tônica.

Os baixos índices percentuais e as probabilidades pouco expressivas mostram que os contextos de vogais [-altas], no caso de [e] e [a], são inibidores da regra ou, então, apresentam uma fraca atuação sobre o alçamento de /o/, no caso dos fatores [e~ õ a~] e [é]. Atribui-se a ocorrência da variante [u] no ambiente de vogal não alta à interferência da consoante labial precedente ou seguinte, como demonstram os exemplos: pr[u]fessores, esp[u]letada, esc[u]rreguei, hom[u]sssexual, m[u]lecagem.

A aplicação do alteamento de /o/ nos contextos [e~ õ a~] e [é] deve-se aos vocábulos m[u]lecagem (1x), c[u]mentário (1x) e hom[u]sssexual (2x). Como se vê, a quan-

tidade de ocorrência de alteamento de /o/ nesses ambientes é praticamente insignificante, mas o peso relativo destes fatores apresenta-se um pouco acima do ponto neutro. Acredita-se que essa desproporção entre os valores atribuídos aos dois contextos também seja resultado da influência das consoantes vizinhas.

Não foi registrada nenhuma ocorrência de vogal alta não-recuada nasal e de ditongo na amostra analisada. Além disso, diante das vogais contextuais [o] e [ó] não foi documentado nenhum caso de variante alteada, por isso decidiu-se pela exclusão dos dados destas duas vogais nesta rodada.

### c) Consoante precedente

Com base nos índices apresentados na tabela 3, observa-se que, com relação à consoante pré-vocálica, a labial e a velar são os únicos contextos favorecedores da aplicação do alteamento de /o/. Vale notar que a labial exerce uma ação positiva maior sobre a variante [u] do que a velar.

Como já havia notado Bisol (1981), Nina (1991), Pereira (1997) e Yacovenco (1993), a atuação favorável da labial sobre o alteamento de /o/ está relacionada ao traço de labialidade comum a essa consoante e às vogais posteriores, principalmente [u], que, numa escala crescente, seria mais arredondada que [ó] e [o]. Muitos casos em que ocorreu o alteamento de /o/ sem que houvesse ambiente para a assimilação vocálica (m[u]derno, b[u]rracha, esp[u]letada, ap[u]drese, b[u]tava, b[u]dega) podem ser explicados pela comunhão do traço da labialidade entre a labial e a variante alta. No entanto, não se deve considerar que a labial, por si só, condicione plenamente a regra, uma vez que, analisando os dados desse fator, constatou-se que a maioria das ocorrências alteadas também sofre influência da vogal alta da sílaba seguinte, como revelam os exemplos: p[u]lítico, v[u]mitado, p[u]dia, p[u]lícia, m[u]vimentada, p[u]sitivo, m[u]rrido, ab[u]rricida, m[u]chila, m[u]tivo.

Tabela 3 – Atuação da consoante precedente sobre o alteamento de /o/

Fatores	Aplica/ Total	%	Probabili- dade	Exemplo
Labial	154/826	19	.71	[p]olítico
Alveolar	112/901	12	.33	[d]ormi
Palatal	1/104	1	.16	[ch]ocalho
Velar	89/515	17	.59	[k]ostume
Aspirada	3/69	4	.18	A[h]odeando

Atribui-se o comportamento favorecedor da consoante velar no alçamento de /o/ à força de sua articulação elevada, assim como o fazem Bisol (1981), Silva (1989), Nina (1991) e Yacovenco (1993). A exemplo do que aconteceu com a labial, não se pode afirmar que a velar exerça o papel de condicionador pleno da regra, porque o alteamento, nesse contexto, tem como fator coadjuvante a vogal alta da sílaba seguinte, como revelam os exemplos: c[u]stura, c[u]rria, c[u]zinha, c[u]stume, g[u]

rdura, c[u]rrida, c[u]chilada. Porém, em vários itens lexicais (c[u]lera, c[u]lher, esc[u]lher), a única explicação para a elevação de /o/ no contexto de vogal não alta é a presença do traço articulatório [+ alto] da velar pré-vocálica.

A alveolar, por ser produzida com a língua razoavelmente plana, desfavorece a aplicação de [o] e a palatal demonstrou exercer um papel negativo no alteamento de /o/. Estes resultados coincidem com os de Bisol (1981), Silva (op. cit.) e Nina (1991). Nessa amostra, a palavra ch[u]calho representa a única ocorrência em que a realização da vogal [u] ocorreu precedida por uma palatal. Já os três casos de aplicação da regra no contexto de uma aspirada precedente devem-se ao vocábulo arr[u]deando.

#### d) Consoante subsequente

A tabela 4 mostra que tanto a palatal quanto a labial privilegiam a aplicação da regra, sendo que a primeira age mais fortemente no processo do que a segunda.

A atuação positiva da palatal seguinte à pretônica candidata à regra pode ser justificada em função de sua articulação alta, que favorecerá a variante [u].

A respeito da palatal, Bisol (1981, p. 95) nota que, apesar de apresentar o traço [+ alto], essa consoante se comporta de forma distinta: “desfavorece a elevação da vogal notadamente /o/, como se estivesse desenvolvendo uma ação dissimiladora, quando a precede; favorece-a, quando segue essas vogais, ou pelo menos, não lhes oferece obstáculos”. Os resultados apontados pela autora confirmam os que foram obtidos aqui.

Com exceção de quatro ocorrências (c[u]stela, t[u]stão, isc[u]lher, m[u]starda), todos os outros casos em que o alteamento de /o/ foi seguido por uma palatal, havia a presença de uma vogal alta na sílaba vizinha, que é o ambiente mais propício à realização de [u]. Por isso, não se pode dizer com certeza se a palatal, na amostra estudada, favorece o alteamento.

Tabela 4 – Atuação da consoante subsequente sobre o alteamento de /o/

Fatores	Aplica/ Total	%	Probabili- dade	Exemplo
Labial	66/422	16	.66	Co[b]içava
Alveolar	150/1000	15	.50	Po[l]ítico
Palatais	77/216	36	.75	Mo[ch]jila
Velares	9/302	3	.29	Fo[g]ão
Aspiradas	57/475	12	.38	Do[h]mi

Em virtude do traço de labialidade comum à labial e à vogal /o/, em contexto posvocálico, a labial favorece o alteamento de /o/, como já havia sido observado em posição pré-vocálica.

Deve-se atentar para o fato de que, quando a variante [u] é seguida por labial, há sempre uma vogal alta na sílaba seguinte, excetuando-se três casos (apr[u]veita, c[u]berta, pr[u]fessores). Assim, considerando pouco significativo o

número de palavras em que a regra foi aplicada diante de contexto desfavorável, ou seja, antes de vogal [- alta], não se pode afirmar, categoricamente, que essa consoante favoreça o alteamento.

Como já se esperava, a alveolar e a aspirada não favorecem a elevação de /o/. A velar, na posição seguinte, aparece como inibidora do processo, ratificando os resultados de Bisol (1981) e Nina (1991).

#### e) Atonicidade

A atonicidade foi selecionada pelo VARBRUL como a segunda variável que mais atua sobre a elevação de /o/. Isso significa que a atonicidade age mais sobre a regra do que o contexto consonantal precedente ou subsequente.

Tabela 5 – Atuação da atonicidade sobre o alteamento de /o/

Fatores	Aplica/ Total	%	Probabili- dade	Exemplo
Permanente	189/1004	19	.74	Político
Variável	72/87	83	.93	Dormi
Média	11/100	11	.41	Apodrese
Mista	44/479	9	.30	Sofri
Baixa	43/745	6	.25	Botar

A variável atonicidade está relacionada ao fato da vogal média pretônica perder, por deslocamento do acento, a tonicidade, num processo derivativo ou flexional. A esse tipo de atonicidade, denomina-se casual, que se opõe à permanente, em que a vogal permanece sempre átona em todo o paradigma.

Na tabela 5, as vogais casuais variáveis ou vogais sem *status* definido, aquelas que apresentam dentro da família de palavras a que pertence o item lexical da ocorrência uma realização acentuada de altura variável, incluindo alta, como em pôde> pode> pude, apresentam os mais elevados índices percentuais e probabilísticos, conferindo-lhes o papel de principal contexto favorecedor da elevação de /o/.

Observando as ocorrências deste fator, constatou-se que as vogais casuais variáveis ocorrem, principalmente, nos paradigmas verbais dos verbos da 3ª conjugação e irregulares da 2ª e palavras derivadas dessas formas verbais. Tais verbos caracterizam-se pela presença abundante de vogal alta em seu paradigma: t[u]ssi, eng[u]li, disc[u]bri, d[u]rmi. Assim, explica-se porque essas vogais exercem um papel tão relevante na aplicação de [u].

As vogais átonas permanentes, embora não tenham uma atuação tão positiva sobre a aplicação da regra quanto as átonas casuais variáveis, também constituem um fator de favorecimento do alteamento de /o/.

Para Bisol (1981, p. 101), “o falante guarda memória das regras subjacentes, por isso uma sílaba átona pode ser ouvida como forte em função de um acento maior que lhe foi atribuído nas primeiras etapas do processo derivacional.” Isso reduziria a possibilidade de uma vogal pretônica átona

casual se realizar como alta. Assim, justifica-se por que as átonas permanentes constituem um ambiente propício à aplicação da variante [u].

Além disso, os resultados da tabela 5 evidenciam que as átonas aparentadas com as vogais tônicas [é e o ó] tendem a inibir a elevação de /o/, já que os valores probabilísticos das átonas médias, mistas e baixas se encontram abaixo de .50. Disso infere-se, conforme nota Bisol (1981, p. 103), que “a lembrança do acento subjacente pode exercer um papel negativo na aplicação da regra.”

#### f) Sufixação

De acordo com a tabela 6, os sufixos verbais representam o único contexto que favorece a aplicação do alteamento de /o/. Analisando as ocorrências selecionadas para este fator, acredita-se que o comportamento favorável dos sufixos verbais esteja relacionado à abundância de vogais altas no paradigma verbal, seja na vogal temática seja na terminação. Sendo assim, a seleção deste fator vem confirmar os resultados estatísticos obtidos para as vogais casuais átonas variáveis.

Tabela 6 – Atuação da sufixação sobre o alteamento de /o/

Fatores	Aplica/ Total	%	Probabili- dade	Exemplo
Verbal	170/1051	16	.62	Cobriu
Nominal	73/708	10	.46	Sofrimento
Sem sufixo	116/656	18	.34	Notícia

Os sufixos nominais agem, na amostra analisada, no sentido de inibir a regra, o que parece indicar que a distinção de comportamento entre sufixos verbais e sufixos nominais reside na diferença entre flexão e derivação. Também Schwindt (2002), no falar gaúcho, nota a ação negativa dos sufixos nominais.

Sobre a ação dos sufixos nominais, Bisol (1981, p.73) considera que seus resultados “apontam para o comportamento dúbio dos sufixos correspondentes a nomes e adjetivos, não permitindo atribuir-lhes um papel definido.”

A ausência de sufixo demonstrou ser um contexto desmotivador na aplicação do alteamento de /o/.

#### g) Escolaridade

Tabela 7 – Atuação da escolaridade sobre o alteamento de /o/

Fatores	Aplica/ Total	%	Probabilidade
0 a 4 anos	138/761	18	.57
5 a 8 anos	130/821	16	.53
9 a 11 anos	91/833	11	.41

Os valores expressos na tabela 7 revelam que os informantes menos escolarizados (nenhum a 4 anos) apre-

sentam alta taxa de realização da variante [u] (.57), ao passo que os mais escolarizados (5 a 8 anos e 9 a 11 anos) aplicam menos (.53 e .41).

Assim, tem-se uma correlação entre a variável escolaridade e o alteamento de /o/, pois à medida que aumenta o grau de escolaridade entre os informantes, diminui a aplicação da regra. No entanto, considera-se que a escolaridade, por ter sido selecionada em último lugar e por apresentar índices probabilísticos muito próximos da neutralidade, desempenha um papel pouco relevante na realização de [u].

Esperava-se este resultado, porque acredita-se na influência da forma escrita sobre a maior ou menor aplicação do alteamento de /o/. Constata-se que este é um caso em que não é a prescritividade escolar que está atuando sobre a regra, mas, sim, o fato de que a forma escrita exerce uma pressão muito forte sobre a competência oral do falante que usa a escrita.

Apesar de haver uma diferença de comportamento linguístico entre os informantes mais escolarizados e os menos escolarizados, não se pode dizer que essa diferença represente marca de diferenciação social, uma vez que os pesos relativos não se distanciam muito do ponto neutro e, além disso, a variante alçada está presente em todos os níveis de escolaridade.

No dialeto belenense (NINA, 1991), também foi observado que os informantes com maior escolaridade realizam menos a variante [u] do que os com menor escolaridade, assim como acontece em Bragança (FREITAS, 2003), no Pará, em João Pessoa (PEREIRA, 1997) e no falar rural paraense (KAILER, 2006).

#### h) Idade

Os dados da tabela 8 mostram que os informantes mais jovens (15 a 25 anos) inibem o alteamento de /o/, ao passo que os indivíduos mais velhos (a partir dos 50 anos) favorecem nitidamente a aplicação da regra. Os falantes da faixa intermediária (26 a 49 anos) apresentam um comportamento neutro.

Tabela 8 – Atuação da idade sobre o alteamento de /o/

Fatores	Aplica/Total	%	Probabilidade
15 a 25 anos	96/840	11	.38
26 a 49 anos	126/851	15	.51
50 anos em diante	137/724	19	.63

Este resultado permite afirmar que são os mais velhos os que tendem a empregar mais a regra de elevação com maior relevância, sendo os mais jovens os que tendem a usá-la menos, como também aconteceu com as pretônicas /e/ e /o/ no dialeto gaúcho (BISOL, 1981), no falar do médio-Amazonas paraense (VIEIRA, 1990) e na variedade fluminense (CALLOU; LEITE; COUTINHO, 1991;

YACOVENCO, 1993). Na amostra de Salvador, Silva (1989, p. 190) observa que “a variante **u** tem probabilidade mais alta entre os mais velhos, ou seja, entre os maiores de 56 anos, mas isso não se repete para **i**, cuja probabilidade de ocorrer fica em torno de .50 qualquer que seja a idade do locutor.”

Defende-se que uma possível explicação para o uso menos freqüente da variante [u] pelos jovens esteja relacionada ao fato de que o mercado de trabalho atual parece exigir mais deles quanto à aparência e escolarização do que em outras épocas. Some-se a isso à provável interferência dos meios de comunicação de massa que atuam no sentido de difundir a norma-padrão. Assim, vê-se, na tabela 8, a configuração de um caso típico de gradação etária, ou seja, a representação de um padrão característico de determinada faixa etária que a cada geração se repete, considerando que a regra de acentamento já ocorria no latim desde o século IV d. C., conforme Bisol (1981).

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se dizer sem hesitar que o processo de alteamento da pretônica é regido, primordialmente, pelo princípio de harmonização vocálica, em que a pré-acentuada copia o traço de altura da vogal adjacente, seja ela tônica ou átona.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BISOL, Leda. *Harmonização vocálica: uma regra variável*. 1981. Tese (Doutorado em Lingüística e filologia) - Faculdade de Letras. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne; COUTINHO, Lilian. Elevação e abaixamento das vogais pretônicas no dialeto do Rio de Janeiro. *Organon*. Revista do Instituto de Letras e Artes da UFRGS. Porto Alegre, v. 5, n.18, p.71-78, UFRS, 1991.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Problemas de lingüística descritiva*. 16. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

FREITAS, Simone. As vogais médias pretônicas /e/ e /o/ num falar do norte do Brasil. In: RAZKY, Abdelhak (org.). Estudos geo-sociolingüísticos do estado do Pará. Belém: MOARA, p. 113-126, 2003.

KAILER, Dircel Aparecida. A variação da pretônica /o/ no falar rural paranaense. Estudos Linguísticos, São Carlos-SP, v. XXXV, p. 595-604, 2006. Disponível em <<<http://gel.org.br/4publica-estudos-2006/sistema06/660.pdf>>> Acesso em 07 dezembro 2006.

LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

\_\_\_\_\_. *Principles of linguistic change*. Oxford: Blackwell Publishers, 1994.

NINA, Terezinha de Jesus de Carvalho. *Aspectos da variação fonético-fonológica na fala de Belém*. 1991. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

PEREIRA, Regina Celia Mendes. As variáveis sociais no condicionamento das vogais médias pretônicas no dialeto pessoense. In: HORA, Dermeval (org.). Simpósio Nacional de Estudos Lingüísticos (SNEL) I. *Anais*, v.1. João Pessoa: Idéia, p. 165-174, 1997.

SCHWINDT, Luiz Carlos. A regra variável de harmonização vocálica no RS. In: BISOL, Leda & BRESCANCINI, Cláudia (orgs.). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 161-182, 2002.

SILVA, Myrian Barbosa da. *As pretônicas na fala baiana: a variedade culta de Salvador*. 1989. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

VIEIRA, Maria de Nazaré da Cruz. Aspectos do falar paraense: fonética, fonologia e semântica. Belém: UFPA, 1983.

YACOVENCO, Lillian Coutinho. *As vogais médias pretônicas no falar culto carioca*. 1993. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. Empirical foundations for a theory of language change. In: Lehmann, W.; Malkiel, Y. *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, p. 97-98, 1968.